



**RELIGIOSIDADE
E RITUALISMO
NO ROMANCE O
VISITANTE, DE
OSMAN LINS**

Ana Cláudia Medeiros

Enganoso é o coração, mais que todas as coisas, e
desesperadamente corrupto. Quem o conhecerá?

Jeremias 17:9

PRELÚDIO

Aclamado pela crítica especializada como um dos maiores escritores contemporâneos, embora ainda não suficientemente conhecido do público em geral, Osman Lins figura no universo literário nacional como um escritor intimista que fez do experimentalismo na estrutura narrativa o fundamento para investigação da alma humana, deixando como legado uma produção literária singular, não apenas pelo teor reflexivo de suas obras ou pelos recursos estilísticos utilizados, mas, sobretudo, pela busca incessante à expressão exata, pela necessidade quase vital de dizer o indizível. Como celebração da palavra, sua escrita é marcada pela obsessão de extrair o máximo de significação através de recursos linguísticos e gráficos inovadores, em permanente elaboração estética, o que o faz um legítimo esteta da palavra.

Este pernambucano de Vitória de Santo Antão circulou com igual competência por diversos gêneros literários e analíticos, produzindo romances, contos, peças teatrais, artigos e ensaios. Sua obra literária inicial foi o romance *O visitante* (1955) – objeto de análise deste artigo. Dois anos depois publica o premiado livro de contos *Os gestos*. Retornando ao romance, e levando adiante um projeto de inovação formal, escreve *O fiel e a pedra* (1961) e em 1966 rompe definitivamente com a tradição literária no país e lança *Nove, novena*, cujos contos revelam intensa experimentação na construção da narrativa e na apresentação dos personagens, além da inserção de sinais e grafismos como elementos intrínsecos ao discurso literário. Os romances *Avalovara* (1973) e *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976) revelam a plenitude formal e conteudística há muito almejada pelo autor de *Marinheiro de primeira viagem*.

Originalmente planejado como um conto que integraria as narrativas de *Os gestos*, *O visitante* marca profundamente a vida literária de seu autor, não apenas por ser o seu romance de estréia, mas pelo marco de uma premiação que representou, para o autor, um reconhecimento e um incentivo definitivos. Obtendo a segunda colocação no concurso literário do Estado de Pernambuco, *O visitante* alcançou a consagração como o romance vencedor do Concurso Fábio Prado de 1954, em São Paulo. Publicado em 1955 pela Editora José Olímpio, o livro obteve ampla repercussão nacional.

Em *O visitante*, Osman Lins apresenta-nos um enredo perturbador que expõe a fragilidade humana diante das circunstâncias. O romance, estruturado em três

partes denominadas “cadernos” (Primeiro Caderno, Segundo Caderno e Terceiro Caderno), narra a vida de uma pacata professora solteirona e solitária em seus quarenta anos, cujos hábitos regulares - participar da missa, ajudar aos necessitados e lecionar pacientemente numa escola - são, pouco a pouco, transformados pela presença de um “visitante” que transtorna os seus valores, afastando-a de tudo o que lhe é mais caro: seu trabalho, sua religião, o convívio com seus amigos, submetendo-a a uma relação adúltera que resulta numa gravidez indesejada e num aborto.

Essa trama aparentemente comum é densamente desenvolvida pelo autor segundo a perspectiva da protagonista; a professora Celina, que permite “visitas” íntimas do respeitável professor Artur, casado e pai de cinco filhos. No romance, o autor descreve como essa mulher se deixa seduzir pelo inescrupuloso professor, tornando-se vítima de um enredo de intrigas com um desfecho trágico. Momentos importantes da trajetória do relacionamento de Celina com Artur comandam a divisão de *O visitante* nas três partes denominadas “cadernos”, numa evocação de um diário pessoal, talvez: no fim do primeiro, Celina torna-se amante de Artur; no fim do segundo, ela aborta o filho que com ele concebera; e, no fim do terceiro, sem conseguir levar avante um plano seu (engravidar de novo para, desta vez, assumir a culpa publicamente), ela o expulsa, ficando novamente sozinha.

“Romance de cunho intimista”, como Adonias Filho o designou num artigo escrito para o *Jornal de Letras* (Novembro, 1955), *O visitante* traz reflexos de inegável influência machadiana. À semelhança de Machado de Assis, Osman Lins investiga a alma humana: seus limites, seus desvios e suas contradições, fazendo de sua primeira narrativa um painel onde duelam temas conflitantes da experiência humana, os mesmos que o acompanhariam ao longo de toda a sua produção literária. A solidão, a incomunicabilidade entre os seres, a impotência desses diante do destino, a falibilidade das convicções humanas, além de temas como a infidelidade, a culpa, a religiosidade, a metalinguagem, já aparecem esboçados nesta obra, num enredo que utiliza a questão amorosa como mote para essas reflexões.

Nenhum desses temas, contudo, é tão recorrente em seus textos quanto o da incapacidade de expressão, em palavras, dos sentimentos e emoções. Osman Lins utiliza subterfúgios os mais diversos para exprimir o silêncio em sua obra: desde o recurso à gestualidade, que assume a função de comunicar o indizível, substituindo as palavras e muitas vezes contradizendo-as; até os recursos gráficos, que tentam resumir, visualmente, o que as palavras não conseguem dizer. No texto osmaniano, gestos e símbolos

manifestam sentimentos, emitem opiniões, adquirindo em alguns momentos verdadeiras significações ritualísticas.

É interessante observar que a gestualidade física, corporal, mais do que a palavra, se configura como o tema central do universo narrativo de Osman Lins nas suas duas produções inaugurais: *O visitante* (1955) e *Os gestos* (1957). Tanto no romance quanto na coletânea de contos há uma clara referência à impotência das palavras e à sublimação dos gestos que se tornam sagrados. Em ambas as obras, mediante a impossibilidade do discurso verbal, os gestos assumem um papel interativo e adquirem uma valoração simbólica, seja por meio de uma expressão gestual instintiva e impensada, seja por gestos ritualísticos incorporados ao repertório de um determinado grupo cultural. Através do comportamento de suas personagens, o autor imprime não apenas a força da eloquência de suas corporalidades, mas de sua própria escritura enquanto uma corporalidade que também se quer palpável, material, sensível. Não é, portanto, aleatória a ocorrência da expressão “gestos” trinta e três vezes em *O visitante*.

EPÍGRAFES BÍBLICAS

Ao iniciar cada um dos três “cadernos” de seu romance *O visitante*, Osman Lins utiliza como epígrafe uma citação das Escrituras Sagradas que mantém estreita relação com o conteúdo dos capítulos. No Primeiro Caderno, deparamo-nos com o seguinte texto bíblico “Insensato! O que tu semeias não é vivificado se primeiro não morrer” (I Coríntios 15:36). A advertência contida na passagem bíblica proferida pelo apóstolo Paulo e destinada aos cristãos da próspera cidade de Corinto, aborda a questão da ressurreição e argumenta que não pode haver vida eterna, “vivificação”, se não houver morte natural. Consideremos outras versões bíblicas do mesmo fragmento: “Insensato! O que você semeia não nasce a não ser que morra”; “Tolo! O que tu semeias não é vivificado a não ser que morra”; “Insensato! O que semeias não nasce, se primeiro não morrer”.

As versões conservam o mesmo ideário: o que tu semeias não nasce, não é vivificado a não ser que morras. Entretanto, pode-se afirmar que a versão contida na Bíblia Sagrada com ajudas adicionais faz-nos perceber claramente o tom de advertência expresso pelo texto, advertência esta que Osman Lins possivelmente desejaria incutir em sua narrativa. Dessa forma, o autor utiliza-se do texto bíblico das Escrituras Sagradas como ponto de partida para as novas significações propostas pelo romance. Tentaremos

analisar, à luz do conteúdo do capítulo, algumas possíveis interpretações para esta epígrafe.

No Primeiro Caderno, o narrador apresenta-nos os hábitos austeros da professora solteirona, afeitos aos lugares-comuns traçados pelo meio para a sua existência até então: sua amizade com a professora Rosa, companheira de infância; sua religiosidade; as visitas do professor Artur; seu encanto por ele, disfarçado sob o signo da afeição e da piedade; e, finalmente, seu envolvimento amoroso, constituindo sua queda moral, ou, segundo a Bíblia, sua “morte espiritual”. Em consonância com a epígrafe, Osman Lins alude à morte simbólica de Celina, que age não apenas contra os seus valores pessoais, mas contra a ética de sua crença figurada nos dogmas cristãos, decaindo e aniquilando-se socialmente na medida em que é obrigada a afastar-se de tudo o que ama: seus amigos, seus hábitos religiosos, as visitas filantrópicas que realizava, a afeição de seus alunos. A morte da personagem que Celina criou para si mesma revela, à sua percepção surpresa e inadvertida, o retrato de uma mulher desconhecida, assustadora e fascinante, capaz de atender a impulsos até então desconhecidos, e disposta a pagar um preço desconhecido por essa revelação.

No Primeiro Caderno, o narrador registra o encantamento emocional disfarçado no padecimento racional da personagem por seu comportamento inadequado, que prepara os passos para o seu renascimento no último caderno. Após sua abertura ao amor carnal e físico nunca antes experimentado e sempre temido como a ameaça de uma queda moral, Celina encontra, na leitura dos textos bíblicos, nunca antes compreendidos, uma aura de enternecimento jamais sentida ou imaginada. Citamos:

As orações, os ofertórios, as epístolas e os evangelhos do Natal, pareciam ser vistos pela primeira vez. Ela não compreendia como pudera ficar insensível, durante tantos anos, à suave beleza que se desprendia daquelas palavras. (LINS, 1955, p. 169)

Ciente da profunda transformação que se opera em seu espírito, a personagem adquire nova esperança; sua fé renasce não como outrora, fundamentada em rituais vazios de significado, mas com fervor e exultação desconhecidos. Sua culpa e vergonha pelo adultério e pelo aborto dissipam-se diante da “atmosfera de renascimento e perdão” promulgada pelos versos bíblicos:

E ela perguntava se aquela emoção profunda que lhe despertavam, agora, palavras cujo encanto permanecera secreto, não seria uma promessa de retorno... O que predominava era uma atmosfera de renascimento e perdão, uma promessa universal de bem-aventurança à qual se chegava pelos caminhos da humildade. (LINS, 1955, p. 170)

É interessante observar que em *O visitante* as personagens Celina e Artur refugiam-se da solidão e da mediocridade cotidianas no ato laborioso da escritura. Ambos escrevem; ela mantém um diário permanentemente atualizado, ele produz versos insípidos com temas amorosos. A escritura funciona para ambos como a realização projetada de uma vivência desejada e satisfatória, porém impossível. Mais uma vez, o autor indaga-nos sobre a salvação pela palavra, pelo discurso, sugerindo o poder restaurador das palavras. É pelas palavras que assistimos ao renascimento de Celina. De sua leitura crítica e emocionada da Bíblia, possível apenas após uma vivência pessoal e traumática, o autor celebra a salvação pela palavra, capaz de restituir aos homens a paz e a fé perdidas, numa possível alusão a Jesus Cristo, o “Verbo da Vida” (João 1:1), e também ao ato da escritura.

O texto bíblico usado como epígrafe no Segundo Caderno aborda a questão da calúnia, do falso testemunho, e encontra-se registrado em *Lamentações do Profeta Jeremias*: “Os lábios dos que se levantam contra mim e as suas imaginações contra mim todo o dia.” (Jr. 3:62). O contexto em que foi originalmente escrito indica que alguns profetas estavam em desacordo com a pregação de Jeremias, e assim o perseguiram com calúnias e difamações. Leiamos o mesmo texto em outras versões: “Aquilo que meus inimigos sussurram e murmuram o tempo todo contra mim; “As acusações dos meus adversários e o seu murmúrio contra mim o dia todo”; “Os lábios dos que se levantam contra mim e seus sussurros contra mim, todo o dia”.

As versões abordam o tema da acusação injusta daqueles que em todo o tempo (infindável, sobretudo, para a vítima) murmuram e sussurram contra alguém. Nas duas primeiras versões acima transcritas, os difamadores são cognominados de inimigos e adversários, a mesma conotação dada pela personagem Celina aos seus acusadores. Ao utilizar esse fragmento do livro *Lamentações* como epígrafe, Osman Lins alude ironicamente uma situação do Segundo Caderno: a calúnia do professor, que acusa Rosa não só de manter relações com seu primo, comprometendo sua honra perante a sociedade; mas também de ser delatora, e de ter espalhado boatos do seu caso com Celina, o que acaba levando-a ao suicídio. Na verdade, o professor transfere para Rosa uma acusação que deveria recair sobre Celi-

na e ele mesmo. Com isso, consegue não só denegrir a moça inocente, mas também contribuir para o isolamento de sua amante. Afastada de Rosa, Celina perde contato com o mundo exterior, tornando-se mais vulnerável. Por outro lado, Artur passa ao domínio absoluto da situação, controlando sua amante pelo discurso.

O que o professor oculta, na verdade, é a sua incapacidade moral e a sua covardia. Sujeito infiel e abusador, aproveitador e indigno do afeto que lhe reserva tanto a esposa enganada – nunca mencionada – como Celina, é ele que se revela incapaz de manter sigilo sobre seu relacionamento adúltero, do qual se locupleta como um ganhão, disposto a gabar-se publicamente de sua conquista. Ele mesmo divulga seu envolvimento com detalhes a estranhos, sem nenhuma consideração pelas consequências de seus atos.

Em última análise, a epígrafe refere-se à própria Celina, que teme ser descoberta, sentindo-se ameaçada por todos que porventura possam saber da íntima relação que mantém com o professor Artur, temendo “as acusações dos meus adversários e o seu murmúrio contra mim o dia todo”:

Celina, porém, já não encontrava sossego em coisa alguma, e todos os receios de que padecia avultaram-se. O sono tornara-se mais frágil, ainda a sensação de que deixava indícios de seu segredo nos lugares de onde saíra chegava quase à loucura e até os cumprimentos das pessoas que vinham trazer alunos ou por ali transitavam lhe pareciam mordazes. (LINS, 1955, p. 77)

Ou, ainda, como se vê no trecho abaixo:

Alguns outros também se ausentaram por dois ou três dias, voltando com desculpas estranhas e certo modo insolente de olhá-la. Mas recordava-se que, desde aí, o recreio se tornara menos ruidoso e sempre com um grupo dos maiores a confabular pelos cantos, observação agravada pela suspeita de tal ou qual reserva, de um pundonor, uma esquivança, no modo como cumprimentavam ultimamente as vizinhas. Tinha que se submeter a esta evidência terminal: suspeitavam dela. (Lins, 1955, p. 111)

De acordo com o dicionário, o termo “calúnia” consiste em fazer acusações falsas a alguém inocente. Entretanto, isto não ocorre com Celina, pois ela realmente mantém um relacionamento adúltero com Artur. A

ironia do autor advém daí: da utilização, como epígrafe, de um texto que fala sobre difamação e calúnia, quando a personagem principal é realmente culpada das acusações que lhe são feitas, mostrando o grau de hipocrisia em que todos vivem naquela pequena cidade.

A epígrafe que dá início ao Terceiro Caderno: “Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido” (Lucas, 12.2), trata de uma afirmação de Jesus Cristo em mais uma pregação aos seus discípulos e seguidores, bem como à multidão que se aglomerava em torno dele (Lucas12:1). Observemos outras versões do texto bíblico: “Não há nada encoberto que não venha a ser revelado, e oculto que não venha a ser conhecido; “Não há nada escondido que não venha a ser descoberto, ou oculto que não venha a ser conhecido”; “Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido”.

O texto sagrado confirma a assertiva de que não há segredos infalíveis, tudo é passível de ser descoberto. Assim ocorre com os “segredos” do professor Artur, os quais pouco a pouco são revelados. Celina descobre seus atos, seus delitos, enfim, suas calúnias:

Sempre adivinhara nele qualquer coisa de ameaçador. Nunca, porém, aquele homem lhe parecera tão claramente um enviado do mal. Agora, ela o temia e o odiava como a um inimigo dissimulado, implacável, que se comprazia em atormentá-la, e que parecia nutrir-se desse momento. Espoliara-a de tudo ou quase tudo: sua pureza, sua tranquilidade, sua amiga, sua confiança e até seu segredo ele arrebatara ou conspurcara. Ela não sabia qual dessas coisas era mais preciosa; sentia por todas elas, mas o que a feria mais profundamente naquele instante, era saber que fora ludibriada. (Lins, 1955, p. 162)

Aturdida com a descoberta de que fora enganada, Celina revive momentos do passado e já encontra neles indícios do engodo a que fora submetida pelo seu amante:

Ela reviveu, num ápice, os padecimentos de Rosa, muitos dos quais viera a conhecer através dele. Parecia escutá-lo de novo, acusando-a, relatando a expulsão dos colégios, a flagelação dos suspeitos cujos brados chegavam a sua casa. Ocorriam-lhe, em atropelo, certas palavras, certas atitudes de Artur, dentre elas seu empenho em afirmar que Rosa morrera por gosto, por vingança, e que esta era a ela, Celina, que visava. (Lins, 1955, p. 185)

Em consonância com a epígrafe “não há nada encoberto que não venha a ser revelado”, todos os erros de Artur são descobertos por Celina, inclusive sua trama para culpá-la da calúnia que ele próprio criou. Com inegável talento, o autor conduz a trama relacionando as epígrafes bíblicas às ações e aos fatos que se desenvolvem nos Cadernos. Tais epígrafes constituem um indício, uma pista do que virá a seguir, mais um entre o vasto labirinto de pontos de vista nos quais se desdobra o texto. Como observa Ana Luiza Andrade (1987, p. 87): “Se a trama de *O visitante* apresenta um enovelado de versões que desorienta o leitor em sua tendência a seguir um narrador onisciente, identificando-se a Celina, a estrutura do romance é a chave para sua compreensão”. Como vimos, uma das chaves para significação do romance encontra-se na sua estrutura narrativa, dividida em três partes: a queda, a revelação e a renovação, iluminadas pelas epígrafes bíblicas que as introduzem.

RELIGIOSIDADE E RITUAIS EM O VISITANTE

A temática religiosa é recorrente nos textos osmanianos, desde a sua estreia com o romance *O visitante*, no qual a religiosidade e/ou a sua ausência é densamente abordada, influenciando e coordenando o comportamento das personagens, sobretudo de Celina, a personagem principal. A religiosidade apresenta-se como característica inerente à personalidade de Celina, que desde o início da trama mostra-se extremamente católica. Entretanto, como num jogo de aparências em que nada é o que parece, a professora expõe a fragilidade de sua fé, apoiada mais no temor do que propriamente no amor e no zelo. Conforme verificamos no fragmento abaixo:

- Você lê as Epístolas?

- Li a dirigida aos Efésios e a Primeira aos Coríntios. Tinham muitos riscos de meu pai, e eu então. É uma Bíblia velhíssima, com registro de família, sem as primeiras páginas do Gênesis e as últimas do Apocalipse. Linguagem difícil; quase nada entendi. Mas a parte que fala na ressurreição me deu... Não sei, é uma coisa que intimida. (Lins, 1955, p. 23)

Não obstante considerar-se católica praticante, Celina não demonstra ter intimidade com as Escrituras Sagradas; lê apenas os trechos marcados por seu pai e desconhece o significado real da mensagem bíblica. A

“linguagem difícil” a afasta do entendimento, quando não a intimida ou a amedronta. Fundamentada em tão frágil base, a religiosidade expressa por Celina mostra-se superficial, daí os seus princípios sucumbirem à primeira provocação real com que se depara. O “demônio” da tentação, incorporado em Artur, consegue vencê-la facilmente, levando-a ao envolvimento amoroso proibido e a todas as consequências funestas que dele advêm. Os encontros secretos com o amante adquirem, na sua vida até então pacata e solitária, um caráter ritualístico, talvez “satânico”, que substitui os rituais religiosos aos quais se dedicava.

Vejamos como os deveres e práticas religiosos são facilmente abandonados por Celina em detrimento das visitas do professor:

Sofrera uma grande mudança em seus hábitos, alguns dos quais haviam sido abandonados por bem definidos motivos. Assim, deixara de comparecer à Missa dos domingos e, conseqüentemente, às reuniões da Pia União. Abandonou também as costumeiras visitas ao abrigo e não mais se confessou. (Lins, 1955, p. 75)

O narrador revela o que, desde o capítulo inicial, delineia-se diante do leitor a respeito da religiosidade de Celina: tratava-se de um hábito, que ela cumpria automaticamente, até o seu envolvimento com Artur. Com o término do seu romance e a crescente tristeza que a envolve, Celina retoma os “hábitos religiosos”. Sente-se, contudo, culpada em participar dos rituais sagrados, pois já não possui a mesma devoção. O castigo divino já não impõe tanto receio em sua alma, assim como as bênçãos cristãs não apaziguam as suas mágoas. Como lemos no trecho seguinte:

Tanto quanto permitia o seu estado de saúde, retomou os hábitos religiosos: e embora as ameaças de castigo houvessem perdido a força e as promessas de um paraíso não mais a impressionassem, tudo isso era considerado como uma ternura aflita, como se fossem objetos pertencentes a um morto querido. (Lins, 1955, p. 157)

Na noite em que se comemora o nascimento de Cristo, a protagonista vai à Missa, como em tantas outras ocasiões. Desta vez, porém, a leitura da Bíblia, as orações, as epístolas e os evangelhos do Natal imprimem-lhe um novo e surpreendente significado: subitamente, ela passa a compreender a singularidade da mensagem bíblica, a comover-se com a imagem do

Deus-menino. Vejamos como o narrador apresenta este momento epifânico em que a Bíblia e as suas palavras passam a fazer sentido para Celina:

Distraidamente, leu alguns trechos. Mas era impossível permanecer alheia àquelas palavras: embora tantas vezes as houvesse relido quase com indiferença, estacava agora ante elas, que pareciam ter adquirido um sentido íntimo, vivificante. (...) As orações, os ofertórios, as epístolas e os evangelhos do Natal, pareciam ser vistos pela primeira vez. Ela não compreendia como pudera ficar insensível, durante tantos anos, à suave beleza que se desprendia daquelas palavras. (Lins, 1955, p. 169)

Celina tinha, finalmente, descoberto o verdadeiro sentido da vinda de Cristo: o renascimento e o perdão. Sua culpa, diante da dádiva imerecida do amor de Deus, tornara-se insignificante. Conforme se verifica no exemplo abaixo:

E ela perguntava se aquela emoção profunda que lhe despertavam, agora, palavras cujo encanto permanecera secreto, não seria uma promessa de retorno; chegava a esquecer que perdera a inocência e afagava ainda, sem o confessar a si mesma, certa esperança de recuperar a tranquilidade de que se privara, pois não encontrava palavras acusadoras no que lia, nada que a fizesse sentir-se impura ou insignificante. O que predominava era uma atmosfera de renascimento e perdão, uma promessa universal de bem-aventurança. (Lins, 1955, p. 169)

Redimida pela revelação epifânica, a protagonista torna-se verdadeiramente cristã após anos de medíocre e superficial religiosidade. Através do sofrimento advindo da descoberta de si mesma, das tentações de seu corpo e de seu espírito, do mergulho na vida real e em sua constante ameaça de queda, Celina encontra, através da leitura crítica do texto sagrado, uma religiosidade profunda e sincera, a ser vivenciada sem qualquer interferência de ritos mecânicos desprovidos de significação. Não estaria o autor, já neste seu primeiro romance, afirmando o seu conceito de religião, promulgando o seu desejo de uma fé sem barreiras, sem empecilhos e, sobretudo, sem dogmas pré-estabelecidos? Ou será que, para além da conversão genuína do espírito, não estaria o autor refletindo sobre a natureza da leitura e seu im-

paço na conversão da consciência crítica, no despertar da autonomia e da percepção do sujeito na vida? A queda e o renascimento de Celina, descritos através de seu processo de amadurecimento e adensamento da leitura do texto sagrado a partir de sua vivência e da expansão de sua leitura profana do mundo falam a respeito de uma conversão cognitiva mais do que religiosa, e que poderia apontar para uma atitude política.

Em seu livro *Osman Lins: crítica e criação*, Ana Luiza Andrade aborda o momento epifânico em que Celina descobre o significado real da mensagem bíblica, designando-a como heroína épica, devido à sua função trágica no romance:

Celina é então resgatada à categoria de heroína épica, ainda que por um instante, porque seu destino a liga à comunidade por laços indissolúveis: as palavras bíblicas. O momento epifânico de autorreconhecimento de Celina é simbólico do mundo cativo libertado: é o momento de epifania do seu autor, que anuncia a sua nova visão do ser humano. A promessa de libertação pelas palavras cristãs é um retorno ao início, no sentido em que a trajetória do herói épico o determina. (Lins, 1955, p. 93)

Os rituais presentes em toda a narrativa de *O visitante* não consistem simplesmente em ritos religiosos, embora mantenham estreita ligação com eles. São rituais de devoção, de entrega, de submissão; rituais em que os gestos, as palavras e o silêncio adquirem novas significações, convertendo-se em verdadeiras cerimônias que aludem a momentos da liturgia cristã cujo sentido é inseparável da liturgia profana da vida. Todos os acontecimentos em que Celina vê-se envolvida quando se apaixona remetem-lhe ao culto cristão, sobretudo quando está em companhia do professor Artur, a quem rende não apenas afeto, mas leal devoção. Desde o seu encontro inicial, a figura medíocre do professor incute-lhe algo mais que piedade, algo que a personagem não consegue definir, mas que a instiga a contemplar os seus gestos, as suas palavras e até mesmo o seu silêncio em significativa atitude de reverência.

Vejamos como o narrador descreve os pensamentos de Celina após o primeiro encontro com o professor Artur:

À luz da lâmpada, perfilavam-se ante ela as carteiras desertas. Negras, feias, com desenhos a canivete. Inumanas; e tão vivas. À tarde, com o espanador e uma flanela, limpava-as. Não eram, então, mais

que objetos. E agora, de repente, eis que adquiriam vida. “O poder da presença humana” – pensou. Não emitiu conceitos; limitou-se a reverenciar uma entidade impalpável que ela sentia impor-se com tranquilo vigor, como a existência de um deus. (Lins, 1955, p. 17)

Em um momento de completa adoração, Celina absorve, beatificamente, a companhia do outro, bebendo-lhe as palavras e o silêncio, admirando qualquer gesto seu, por mais banal que fosse, como o ato de limpar constantemente os óculos ou simplesmente emitir um sorriso. Assiste-se à transfiguração do homem comum no homem amado, aos olhos da mulher:

O sombrio rosto se iluminara um pouco e até os olhos tinham adquirido alguma claridade. Havia quase beatitude em seu sorriso. (Lins, 1955, p. 28). ... Era porém, uma exaltação que nada tinha de carnal. Falando pouco, muitas vezes, silenciosa e de nenhum modo pronunciando certas palavras, que só o hábito do amor torna fácil, ela se entregava a uma adoração intensa mas quieta. (Lins, 1955, p.82)

A personagem, habituada a prestar reverência e obediência à Igreja, transfere, sem o perceber, tal devoção ao objeto de sua paixão carnal. Seus encontros fazem-na recordar a liturgia cristã. Semelhantemente a um culto em que as palavras são calculadas e o silêncio é precioso, os momentos a sós com o professor, “quase sempre mudos ou trocando breves palavras a que as circunstâncias imprimiam significação própria” (Lins, 1955, p. 82), revestem-se de “intensa adoração”, há uma sublimação do ato carnal num ato sagrado. Perturbada pela culpa do relacionamento adúltero, porém, Celina tenta expiar sua falta moral - o pecado, para os cristãos - através das singulares analogias que tece entre os atos do seu amante e os momentos eucarísticos, como, por exemplo, a Santa Ceia: “Já estava outra vez no quarto, às voltas com um copo d’água e um comprimido, que lhe lembrava uma pequena hóstia em seus dedos.” (Lins, 1955, p. 59)

Todos os atos do professor Artur são revestidos de intensa significação para Celina; seus gestos assumem um simbolismo que transfere para a entrega amorosa e o conseqüente ato sexual a aura de um rito, que deve ser seguido em obediência. Só assim, talvez, é que Celina se permite agir contra seus valores e sua racionalidade, sujeitando-se a Artur e aos seus próprios impulsos, submetendo-se, tornando-se, enfim, “cativa” do homem e do desejo que sente pulsar em ambos:

Algo morno e áspero tombou sobre seus pés, que se tornaram pesados, parecendo arrastá-la para baixo, para algum abismo. Um calor ascendeu-lhe ao longo das pernas; banhava-lhe agora os pés uma fonte ardente. E ela escutava os soluços e recordava a legenda sobre a gravura sacra. Trêmula de exultação e fervor, percebeu o estranho corpo avançar em direção aos joelhos. Abriu a boca, cerrou os punhos. Quase a desfalecer, debateu-se no leito, como que atenazada por dores. Chorava também. Sempre de olhos fechados, estendeu as mãos, alcançou a cabeça do Professor e, com um gemido, atraiu-a a si. (Lins, 1955, p. 65)

Em um complexo jogo de imagens e referências a símbolos da paixão, confusamente interpretados pelo viés religioso, o discurso osmaniano beira muitas vezes o caráter de uma heresia deliberada e profana, onde a contenção da mulher soa a hipocrisia. Incapaz de admitir seu desejo carnal, sua excitação, as necessidades de seu corpo feminino diante da relação confusa que se lhe apresenta - a de um relacionamento tardio com um homem indigno e comprometido -, Celina protagoniza uma cena erótica dúbia, onde a descoberta selvagem e entusiasmada do sexo é narrada “de olhos fechados” por um discurso velado ao qual tenta superpor associações e valores que soam falsos.

A pedolatria de Artur é, então, erroneamente interpretada por ela nas alusões a histórias bíblicas, como ao episódio em que a mulher pecadora unge com lágrimas os pés de Jesus (Lucas 7:37-39), bem como o evento no qual Jesus lavou os pés de seus discípulos como um sinal de humildade (João 13:5). A própria personagem alude à gravura sacra “O pranto dos condenados” (Lins, 1955, p. 49). O ato carnal transforma-se, na imaginação da personagem, em rito sagrado; a exultação e o fervor, próprios do culto religioso, se apossam da mente e do corpo desta trêmula Celina, agora despojada de todas as suas reservas, medos, preconceitos e dúvidas. Ana Luiza Andrade comenta sobre a intrínseca relação entre o sagrado e o profano, posta em ação neste romance:

Os sentimentos abissais de desfalecimento, a atitude trêmula de exultação e terror e a lembrança da legenda sob a gravura que dizia “O pranto dos condenados”, mostra a transformação do ato sexual na tragédia da paixão. Celina se coloca na posição de mulher vítima perante o seu homem sacrificador... De este modo, o sacrifício sagrado se mostra análogo ao ato profano na sua imaginação cristã. Celina confunde o sagrado e o proibido, substituindo um pelo outro. (Lins, 1955, p. 90)

A dualidade sagrada/profana e cristã/pagã será uma constante na obra de Osman Lins a partir de *O visitante*. A sacralização do ato de amor, seja ele sexual ou de outra natureza, estendendo-se à própria natureza da escrita, é celebrada com júbilo, inúmeras vezes, em seus textos, que também canonizam pessoas simples e santificam gestos leigos e seculares. Osman Lins lê o livro do mundo como um livro sagrado. Aludindo alegoricamente aos textos eclesiásticos, seus textos encontram, na banalidade da vida, símbolos e mensagens que, corrompendo o sentido tradicional das Escrituras e contrariando os dogmas da Igreja, revelam como o sagrado se insurge na vida real. Assim, de falsa cristã, Celina torna-se, pelo amor proibido e não correspondido, uma espécie de pagã cujos valores, fé e adoração dirigem-se a um homem idealizado, tornado um deus no seu coração. Desvirtuando-a da legítima comunhão com Deus num primeiro momento, é, porém, este encontro - permeado de revelações, perdas, decepções, crimes e sofrimento - a experiência capaz de transformá-la, de fato e de consciência, numa pessoa verdadeiramente religiosa.

Em *O visitante*, Osman Lins já denuncia o seu papel como escritor arguto e sensível às mazelas do espírito humano. Questionando a postura da religião oficial e condenando, muitas vezes, a sua função repressora, o que os seus textos revelam é uma profunda espiritualidade, que se curva à manifestação do divino em todas as suas formas de expressão no mundo, mesmo as mais contraditórias. Como numa escritura apócrifa, seus contos e romances falam continuamente de uma busca, a busca de um encontro legítimo e sincero como aquele que ocorre, no Terceiro Caderno, entre uma Celina demasiadamente humana e esfacelada por suas fraquezas, com um Deus de infinita bondade, compreensão e amor, capaz de aliviar as suas dores e de lhe infundir a coragem e a força de que necessita para continuar vivendo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ana Luisa. *Osman Lins - crítica e criação*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- FERREIRA, Ermelinda. *Cabeças compostas: a personagem feminina na narrativa de Osman Lins*. Rio de Janeiro: Senai, 2000.
- IGEL, Regina. *Osman Lins: uma biografia literária*. São Paulo: P.A. Queiroz, 1988.
- *II Encontro de Literatura Luso-Brasileira – de Camões a Osman Lins*. Vitória de Santo Antão, Julho/1999.
- LINS, Osman. *O visitante*. São Paulo: José Olímpio, 1955.
- _____. *Os gestos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- SILVA, Vítor Manoel Aguiar e. *A estrutura do romance*. Coimbra: Almedina, 1974.